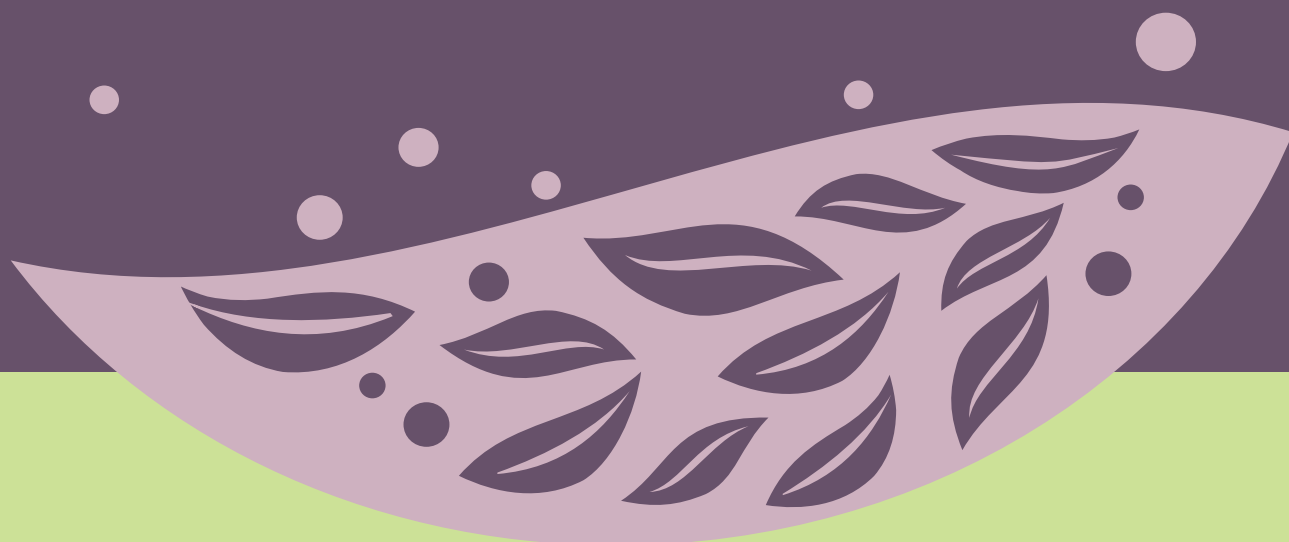


# VII SEMINÁRIO DE PESQUISA EM LINGUÍSTICA DA UNIFRAN **SELINFRAN**

ISBN: 978-85-60114-65-8

MESTRADO



# **VII SELINFRAN**

SEMINÁRIO DE PESQUISA  
EM LINGUÍSTICA DA UNIFRAN

## **TEXTO E DISCURSO: PERSPECTIVAS DE PESQUISAS**

**ANAIS**

18 a 20 de agosto de 2016

FRANCA - SP

ISBN: 978-85-60114-65-8



## PERGUNTAS QUE REVELAM: O *ETHOS* DE ENTREVISTADORES BRASILEIROS

Farnei SANTOS (UNIFRAN - PROSUP / CAPES)

Maria Flávia FIGUEIREDO (UNIFRAN)

### RESUMO:

Este trabalho tem por objetivo verificar, no gênero “entrevista”, as marcas do *ethos* do entrevistador. Para tanto, analisaremos entrevistas conduzidas por diferentes expoentes da cultura brasileira. A seleção das entrevistas considera o momento histórico em que cada uma delas foi proferida. O procedimento de análise será norteado por uma análise qualitativa de cada uma, seguida de uma análise comparativa de todas elas. Esta pesquisa realiza-se à luz da retórica, bem como dos estudos que concernem ao gênero “entrevista”. Acreditamos que este trabalho consistirá numa contribuição tanto para os estudos retóricos, como para os estudos do gênero, uma vez que buscará elucidar os possíveis vínculos entre gênero e *ethos*.

**PALAVRAS-CHAVE:** retórica; *ethos*; gênero; entrevista.

### ABSTRACT:

This work aims at verifying, in the genre “interview”, the marks of the interviewer *ethos*. We will analyze interviews conducted by different exponents of Brazilian culture. The selection of interviews considers the historical moment in which each of them was given. The analysis procedure is guided by a qualitative analysis of each interview, followed by a comparative analysis of all of them. This research is conducted under the light of the rhetoric, and the studies that concern the genre “interview”. We believe that this paper may consist of a contribution to both rhetorical and gender studies, as it seeks to elucidate the possible links between gender and *ethos*.

**KEYWORDS:** rhetoric; *ethos*; genre; interview.



## Introdução

No presente trabalho, propomo-nos a compreender textos, a verificar seus aspectos persuasivos, a capturar suas construções de sentido, assim como as expressões de agir presentes neles. Estamos, pois, sob o domínio da Retórica. Nesta pesquisa, o conceito de *ethos* nos guiará para entender de que maneira determinados entrevistadores brasileiros se constituíram em relação aos seus hábitos, costumes e constituições psicológicas. A principal ferramenta dos entrevistadores é a palavra, ou seja, fazer perguntas, e, na ânsia de investigar seus interlocutores, mostram-se e posicionam-se. A nós, analistas de textos, revelam-nos um *ethos*. Assim, para os propósitos deste trabalho, analisaremos as seguintes entrevistas: 1) Elis Regina, entrevistada por Clarice Lispector, 2) Cazuza, entrevistado por Marília Gabriela, 3) Tim Maia, entrevistado por Jô Soares e 4) Pitty, entrevistada por Antônio Abujamra. Reiteramos que nosso foco são os entrevistadores. Logo, são os aspectos *eticos* dessas personalidade que serão, aqui, analisados. Vejamos cada um deles. A escritora Clarice Lispector foi contratada pelas revistas *Manchete* e *Fatos & Fotos* para entrevistar personalidades da cultura brasileira, ao final dos anos 60 aos anos 70. Marília Gabriela, com o programa televisivo *Cara a cara*, da rede Bandeirantes, conduzia o formato de seu programa como um inquérito, com um largo

tempo destinado quase somente a perguntas e respostas. Aos anos 90, Jô Soares realizou entrevistas inspiradas em *talk shows* americanos, porém com um aspecto original; seus entrevistados eram também pessoas anônimas de interesse ao público espectador e telespectador. No século XXI, Antônio Abujamra, em seu programa *Provocações*, da rede de televisão TV Cultura, tinha a proposta de obter uma potente interação com seus telespectadores, conclamando-os a reflexões sobre os temas tratados.

## Objetivo

Este trabalho tem por objetivo verificar, no gênero “entrevista”, as marcas do *ethos* do entrevistador. Sendo assim, buscaremos verificar como se constituem os *ethe* dos quatro entrevistadores selecionados, bem como averiguar sua recorrência ou disparidade no gênero selecionado.

## Arcabouço teórico

Alguns teóricos que sustentarão nosso trabalho, à luz da retórica são: Aristóteles (2012), Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996), Meyer (2010), Reboul (2004), Ferreira (2010) e Abreu (2002). No que concerne ao gênero em geral: Bakhtin (1995) e Marcuschi (2008); e à “entrevista” especificamente: Costa (2009), Brito (2007) e Hoffnagel (2010).

Nos estudos de Aristóteles é afirmado que, na construção de um



*ethos*, o orador eficiente é aquele que inspira confiança no auditório. Para isso, é preciso criar a imagem de si como alguém que tenha hábitos que exprimam a *prudência*, a *virtude* e a *benevolência* (ARISTÓTELES, 2012, p. 13). Fiorin (2015, p. 71) discorre sobre essa proposição aristotélica, enfatizando as três espécies de *ethe*. Vejamos cada uma delas:

- A *phronesis*, por meio da qual o orador expõe seu raciocínio de modo sensato, prudente, ponderado. Nesse caso, ele constrói suas provas mais concentradas no *logos*, parecendo discursar de modo razoável e plausível.
- A *arete*, que expressa um orador virtuoso no sentido de se mostrar justo, sincero, corajoso. Nesse caso, suas provas se valem mais de sua constituição *ethica*, como um ser temerário, franco e desbocado.
- A *eunoia*, por meio da qual o orador cria de si a imagem de alguém solidário e agradável ao seu auditório, tomando-o, assim, com simpatia. Nesse caso, o orador se vale bem mais do *pathos*.

Em se tratando do gênero textual “entrevista midiática”, Brito (2007, p. 151) nos elucida que esse gênero consiste na interação entre entrevistador e entrevistado, que se dirigem para um espectador, telespectador, ouvinte ou leitor,

sem que esses ajam concretamente na entrevista. Nesse jogo de questionamentos, o entrevistador tem o dever de interrogar seu interlocutor em busca de revelações. Já Hoffnagel (2002, p. 198) se debruça sobre a especificidade do gênero entrevista midiática, que é justamente o fato de o entrevistador e o entrevistado saberem que falam para um auditório que os assiste pela TV ou os lê por meio de um impresso ou por uma tela digital. Desse modo, entrevistador e entrevistado não dizem somente o que querem dizer um para o outro, mas muito mais, o que querem dizer para o seu auditório em geral (podendo ser: telespectadores, espectadores e leitores).

## Metodologia

As justificativas de escolhas da pesquisa em questão, em se tratando do *corpus*, seguiram os seguintes critérios: 1) seleção de um gênero a ser investigado, levando em consideração um projeto mais amplo (conduzido pela orientadora), que investiga as possíveis relações que *ethos* e gêneros textuais; 2) após a escolha do gênero “entrevista”, busca por entrevistas feitas em quatro décadas diferentes e que estivessem disponíveis no YouTube ou de forma impressa; 3) restrição dos entrevistados a uma mesma categoria, ou seja, eles precisariam ter uma semelhança entre si e 4) busca por entrevistas completas e com boa imagem de exibição, haja vista que



passamos por esses empecilhos no momento da seleção.

Para que o trabalho se fundamentasse teoricamente, efetuamos leituras e fichamentos de obras que discorrem sobre a Retórica e daquelas que teorizam sobre gênero, com ênfase na entrevista midiática. Feito isso, realizamos as transcrições integrais das entrevistas televisionadas. Só então passamos à análise qualitativa do *corpus*, seguida da análise comparativa entre as quatro entrevistas selecionadas.

Ressaltamos que neste trabalho iremos tratar os termos “texto” e “discurso” como sinônimos. Sabemos da problemática existente em estudos que os distinguem, mas para os nossos propósitos vamos tomá-los com um aspecto que os unem e é o que nos interessa: os dois são um todo organizado de sentido que levam em consideração tanto o plano de expressão quanto ao plano de conteúdo. Em se tratando de nosso *corpus*, as entrevistas – três televisionadas e uma escrita – temos a manifestação dos textos, representantes de discursos, isto é, ideias, valores, alteridades. É nessa conectividade inseparável que vamos nos ater, sem necessariamente polemizar os conceitos ou suas interrelações.

O fato de termos três entrevistas televisionadas e uma escrita e, sendo isso, uma diferença, acreditamos que essa distinção dos veículos midiáticos

enriqueça nosso projeto, pois aumenta o desafio da interrogação que move toda nossa análise: O gênero entrevista midiática, seja de qualquer mídia, insurge uma recorrência na manifestação dos *ethes*, ou exprime suas disparidades? Até ao final de nosso trabalho, os resultados nos darão uma resposta para essa complexa pergunta.

### **Descrição e análise piloto do corpus**

Em nossa análise, teremos como foco o entrevistador, pois nosso objetivo é justamente verificar a constituição do *ethos* desse profissional quando realiza uma entrevista. Como análise piloto, focaremos somente na entrevistadora Clarice Lispector, deixando de lado, por enquanto, os outros três entrevistadores que farão parte do trabalho como um todo. Sendo assim, nesse momento, nossa atenção se volta para a entrevista de Clarice Lispector com a cantora Elis Regina.

No início da entrevista, Clarice interroga sua entrevistada por meio da seguinte pergunta: *“Por que você canta, Elis? Só porque tem voz magnífica? Conheço pessoas de ótima voz que não cantam nem no banheiro.”*

Em outras palavras, Lispector deseja saber o que motiva sua entrevistada a ser cantora, mas faz uma ressalva: a motivação de Elis não pode ser pela potência de sua voz.



Isso nos leva a inferir que Lispector não está interessada numa resposta técnica, ou seja, que a cantora fale de suas qualidades como cantora. Clarice já nos evidencia que seu interesse é por aspectos afetivos, ou até mesmo, emocionais. Porém, para fazermos uma afirmação mais contundente sobre nossa pressuposição, vejamos a resposta de Elis:

*Sei lá, Clarice, acho que comecei a cantar por uma absoluta e total necessidade de afirmação. Eu me achava um lixo completo, sabia que tinha uma voz boa, como sei, e então essa foi a maneira para a qual fugi do meu complexo de inferioridade. Foi o modo de me fazer notar.*

Elis ressalta seu reconhecimento de que sua voz é boa para cantar, mas responde de acordo com o que Lispector demonstrou desejar. Nas palavras da cantora é evidente a sua real motivação para cantar: “comecei a cantar por uma absoluta e total necessidade de afirmação. Eu me achava um lixo completo (...) então essa foi a maneira para a qual fugi do meu complexo de inferioridade. Foi o modo de me fazer notar”. Dessa maneira, Lispector obtém uma resposta que evidencia as motivações afetivas e, até mesmo, existenciais de Elis. É uma resposta reveladora: uma grande cantora que se considerava um lixo antes de cantar. Para entendermos melhor as informações relevantes para Lispector quando entrevistada e a

constituição de seu *ethos*, vejamos o decorrer da entrevista:

*Clarice Lispector: O que é que você sente antes de enfrentar o público: segurança ou inquietação?*

*Elis Regina: Inquietação. Sou segura em relação ao que eu vou fazer, mas profundamente inquieta quanto a reação das pessoas que me ouvirão.*

*Clarice Lispector: Se você não cantasse, seria uma pessoa triste?*

*Elis Regina: Seria uma pessoa profundamente frustrada e que estaria buscando uma outra forma de afirmação.*

*Clarice Lispector: Qual seria essa outra forma de afirmação?*

*Elis Regina: Não tenho realmente a menor idéia, porque eu me encontrei tanto nessa coisa de cantar que nunca pensei nisso.*

De acordo com Meyer (2007, p. 25), o *ethos* é uma expressão de autoridade do orador. Essa autoridade vincula-se com o que o orador é de fato, como também com o que ele representa ser. Quando nos posicionamos diante de um orador, forçosamente estamos conclamando que ele nos diga quem ele é, que prove que sabe o que diz, pois afinal, ele deve expressar-nos como a autoridade que é. O *ethos* que um orador constitui deve por um ponto final ao nosso questionamento em relação a ele. Clarice Lispector, por meio das perguntas expostas até





agora no presente trabalho, traz uma série de questionamentos sobre o caráter de Elis Regina. Como ressalta Eggs (2005, p. 30), a semântica da palavra caráter, em termos retóricos, carrega em torno de si conceitos como hábitos, modos e costumes. Logo, na constituição do *ethos* de um orador, estamos nos referindo a essas significações de seu Ser, ou seja, seus modos, hábitos e costumes. Pois bem, é papel do entrevistador investigar, no decorrer da entrevista (nesse momento de enunciação, de perguntas e respostas), qual é o caráter que seu entrevistado demonstra sobre sua vida. Lispector age dessa maneira e, ao indagar sobre o *ethos* de sua entrevistada, ela revela também o seu *ethos*, como, por exemplo, direcionar um questionamento para um sentido mais existencial do que técnico. A pergunta “*Por que você canta, Elis? Só porque tem voz magnífica? Conheço pessoas de ótima voz que não cantam nem no banheiro.*” revela-nos uma Clarice **menos** preocupada com os dotes profissionais de uma cantora e **mais** interessada na disposição de espírito da mesma.

O próximo questionamento lançado para Elis é: “*O que é que você sente antes de enfrentar o público: segurança ou inquietação?*” Com essa pergunta, Lispector quer saber como a cantora reage frente ao seu público, porém, lhe fornece somente duas opções de resposta: ou Elis é segura diante de seu público ou é inquieta (ambas de ordem afetiva). Das duas,

a entrevistada é levada a escolher uma. A esse respeito, Ferreira (2010, p.116) explicita que um orador, em seu discurso, faz o uso da potência das palavras, as organizam e as expressam do modo que lhe é mais conveniente, assim como escolhe seu discurso optando por dizer isto e não aquilo. Clarice, nessa pergunta, apresenta para Elis só duas escolhas, e, com isso, poderíamos dizer, limita a resposta de Elis. Por esse prisma, consideramos que a entrevistadora conduz a entrevistada a refletir sobre questões afetivas. Por outro lado, podemos inferir que, na mente de Lispector, já deveria haver uma suposição da resposta da cantora relacionada às duas opções que ela sugeriu “segura” ou “inquieta”, pois, se ofereceu apenas duas opções de respostas para sua entrevistada, é porque acredita que uma será acatada por ela. Isso significa também que, na mente da perguntadora, já existiria um *ethos* projetivo em relação ao comportamento de Elis com seu público em seus shows. Para Meyer, *ethos* projetivo é a imagem que alguém faz de um outro, antes mesmo do momento do ato de dizer (enunciação), diferente do *ethos* efetivo, que é a imagem que um orador representa de fato em seu discurso, ou seja, durante a sua fala. A terceira questão indagada pela entrevistadora é: “*Se você não cantasse, seria uma pessoa triste?*”. Esse questionamento dá margens para uma resposta negativa ou positiva, em primeira



instância, e nos revela que Clarice investiga, mais uma vez, o campo emocional de sua entrevistada, por meio do sentimento de tristeza, verbalizado em sua pergunta na palavra *triste*. Dessa maneira, Clarice cria a pressuposição contrária de sua pergunta: de que Elis Regina é alegre por poder cantar. Porém a ideia da entrevistada ser alegre ou não em sua profissão de cantora é uma questão aparentemente duvidosa, pois a premissa implícita de que Elis poderia ser alegre, mesmo não sendo cantora existe na pergunta feita. Vejamos novamente: “*Se você não cantasse, seria uma pessoa triste?*”. Clarice, hierarquizando suas indagações mais pelo Ser passional de Elis do que pelo Ser profissional, faz uma cobrança para o posicionamento de Elis para com a vida, podendo nos levar ao subentendido de que, por detrás de suas perguntas, ou seja, em um sentido implícito, Clarice quer que Elis prove que ela é uma cantora com sentimentos, vamos nos permitir dizer assim. Ou de outro modo, Lispector quer que a cantora expresse certeza do por que ela canta, já pressupondo que não é somente pelo seu dom acústico vocal, pois ela diz em sua primeira pergunta “*Conheço pessoas de ótima voz que não cantam nem no banheiro*”. Como Meyer (2007, p. 35) esclareceu, o *ethos* é o ponto final de um questionamento. Assim, ele deve saber o que diz, deve ter convicção clara dos hábitos que adota para a sua vida. E é isso que Lispector

indiretamente pergunta para Elis: Por que você canta? Quais são as disposições de espírito (emocionais) que a fizeram escolher sua profissão de cantora? Vamos observar a resposta dada por Elis Regina para a última pergunta apresentada até agora (“*Se você não cantasse, seria uma pessoa triste?*”): “*Seria uma pessoa profundamente frustrada e que estaria buscando uma outra forma de afirmação*”. A pergunta seguinte de Clarice é: “*Qual seria essa outra forma de afirmação?*”. A resposta dada é “*Não tenho realmente a menor idéia, porque eu me encontrei tanto nessa coisa de cantar que nunca pensei nisso*”. A cantora, mesmo dizendo não saber dar uma resposta, revela para a perguntadora algo importantíssimo: “*eu me encontrei tanto nessa coisa de cantar*”. Ora, sabemos, por meio do senso comum, que é digno de satisfação, quando alguém se encontra na profissão em que escolheu. E se Elis disse que seria uma pessoa frustrada se não cantasse, podemos pensar que ela se regozija por sua condição de poder ser o que é: uma cantora. Lispector encaminha suas perguntas, até esse momento, para um profundo exame de quem é Elis Regina, além da cantora simplesmente. Cantar, para Elis, foi um modo de a artista fugir de seu “complexo de inferioridade”, como ela mesma respondeu na primeira pergunta que lhe foi feita. Clarice descobre, então, que Elis parece ser uma pessoa satisfeita e com força, porque canta, e, cantando,





ela se encontra consigo mesma. A descoberta de Clarice é de que, para Elis, ser cantora significa muito mais do que ter fama e dinheiro, por causa de sua habilidade artística, por exemplo. Ser cantora é um possível encontro consigo mesma e uma sensação de paz (de não frustração). Clarice parece ter acertado em sua pergunta inicial quando colocou o fator técnico de boa voz em segundo plano, para colocar em primeiro plano o aspecto emocional da cantora por ela entrevistada. Assim, houve um acordo entre os sentidos que as perguntas e as respostas caminharam, estabelecendo uma harmonia de valores, supostamente priorizadas pelas ambas.

No que concerne aos estudos do gênero entrevista, Brito (2007, p. 150), ao refletir sobre as contribuições de Charaudeau, declara que o entrevistador é o direcionador desse jogo discursivo, o absoluto dono do desenrolar dos questionamentos. Como vimos, Clarice se porta dessa maneira, ou seja, ela é quem fornece o indício inicial de que sua entrevista com Elis Regina irá caminhar pelas trilhas das emoções. Essa escolha da entrevistadora nega e exclui outra atitude de entrevistar, como, por exemplo, o querer saber se a cantora estava faturando bem em termos financeiros por meio de seus shows, ou o perguntar sobre a glória de Elis por ter ganhado algum troféu ou honra ao mérito por cantar habilidosamente.

## Considerações finais

A constituição do *ethos*, nas perguntas de Clarice, a revela como alguém que, além do lado profissional, busca capturar o lado emocional dos entrevistados, o que nos permite vislumbrar que a entrevistadora é preocupada com questões ligadas ao espírito, antes mesmo de qualquer atributo socialmente conquistado. É o Ser em si, dentro da imanência de seu existir que parece importar mais para Clarice em relação a outrem. Isso nos permite concluir que sua construção *ethica* se apoia, sobretudo, na virtude (a *arete*), uma vez que se mostrou sensível, curiosa às disposições de espírito de seu auditório. Clarice nos leva a interpretá-la, também, como uma pessoal que prefere uma vida simples e modesta, uma vez que, ao questionar uma renomada cantora, não pergunta nada que se refere a fama ou fortuna (temas muito presentes em entrevistas com artistas importantes, como era o caso de Elis Regina). Desse modo, Lispector, construiu suas provas, principalmente, com os recursos do *ethos*, demonstrando, de modo preponderante, o *ethos* de *arete*.

As demais entrevistas, que constituem o *corpus* desta pesquisa, estão sendo submetidas aos mesmos procedimentos de análise.

## REFERÊNCIAS

- ABREU, Antônio Suárez. *A arte de argumentar: gerenciando razão e emoção*. 5. ed. Cotia: Ateliê Editorial, 2002.
- AMOSSY, Ruth. O *ethos* na intersecção das disciplinas: retórica, pragmática, sociologia dos campos. In: AMOSSY, Ruth (Org.). *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. Tradução de Dilson Ferreira da Cruz, Fabiana Komesu e Sírio Possenti. São Paulo: Contexto, 2008. p. 119-144.
- \_\_\_\_\_. Introdução – Da noção retórica de *ethos* à análise do discurso. In: AMOSSY, Ruth (Org.). *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. Tradução de Dilson Ferreira da Cruz, Fabiana Komesu e Sírio Possenti. São Paulo: Contexto, 2008. p. 9-28.
- ARISTÓTELES. *Retórica*. Tradução de Manuel A. Júnior, Paulo F. Alberto e Abel do N. Pena. São Paulo: WMF/Martins Fontes, 2012.
- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Tradução de Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BRITO, Eliana Vianna. A entrevista na TV: afinal, o que é esse gênero midiático? In: SILVA, Elisabeth Ramos; UYENO, Elzira Yoko; ABUD, Maria José Milharezi (Orgs.). *Cognição, afetividade e linguagem*. Taubaté: Cabral, 2007. p. 147-185.
- COSTA, Sérgio Roberto. *Dicionário de gêneros textuais*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.
- EGGS, Ekkehard. *Ethos aristotélico, convicção e pragmática moderna*. In: AMOSSY, Ruth (Org.). *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. Tradução de Dilson Ferreira da Cruz, Fabiana Komesu e Sírio Possenti. São Paulo: Contexto, 2008. p. 29-44.
- FERREIRA, Luiz Antonio. *Leitura e persuasão: princípios de análise retórica*. São Paulo: Contexto, 2010.
- FIORIN, J. L. *Argumentação*. São Paulo: Contexto, 2015.
- HOFFNAGEL, Judith Chambliss. Entrevista: uma conversa controlada. In: DIONISIO, Angela Paiva; MACHADO, Anna Raquel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (Orgs.). *Gêneros textuais e ensino*. São Paulo: Parábola, 2010. p. 195-208.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008. (Educação Linguística, 2)
- MEYER, Michel. *Questões de retórica: linguagem, razão e sedução*. Revisão de Alberto Gomes e Ruy Oliveira. Lisboa: Edições 70, 1998.
- \_\_\_\_\_. *A retórica*. Tradução de Marly N. Peres. São Paulo: Ática, 2007.
- PERELMAN, Chaïm; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. *Tratado da argumentação: a nova retórica*. Tradução de Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- REBOUL, Olivier. *Introdução à retórica*. Tradução de Ivone Castilho Benedetti. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

